

A voz das famílias e a escola

Com a palavra as famílias



SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE



PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE
Secretaria Municipal de Educação
Rua Carangola, 288 - 7º andar (Sto Antônio)
Belo Horizonte / MG - Tel: (031) 277-8631
E-mail: smed@pbh.gov.br



FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL
www.fundacaoitausocial.org.br



CENPEC - Centro de Estudos
e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária
www.cenpec.org.br

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE

A VOZ DAS FAMÍLIAS E A ESCOLA
Com a palavra as famílias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Voz das famílias e a escola: com a palavra as famílias. -- São Paulo: CENPEC : Fundação Itaú Social; Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Educação, 2008.

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.

1. Comunidade e escola 2. Educação - Brasil
3. Educação - Finalidades e objetivos 4. Família e escola 5. Sociologia educacional.

08-07923

CDD-371.192

Índices para catálogo sistemático:
1. Escola e família: Educação 371.192
2. Família e escola: Educação 371.192

ISBN - 978-85-85786-72-4

Belo Horizonte
2008

Impresso no Brasil



Sumário

Iniciativa

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Fernando Pimentel
Prefeito

Secretaria Municipal de Educação

Hugo Vocurca
Secretário Municipal de Educação

Macaé Maria Evaristo
Secretária-adjunta

Neuza Macedo
Coordenadora do Programa Escola Integrada

Fundação Itaú Social

Antonio J. Matias
Vice-presidente

Ana Beatriz Patrício
Superintendente

Isabel Cristina Santana
Coordenadora de projeto

Coordenação técnica Cenpec

Maria Alice Setubal
Presidência

Maria do Carmo Brant de Carvalho
Coordenação geral

Maria Julia Azevedo Gouveia
Coordenadora da área educação e comunidade

Equipe de formação

Cris Zelmanovits
Cláudia Andraque Werneck Costa
Dulce Couto
Marcela Pasqualucci Ronca

Autores

Antônio de Souza
Cris Zelmanovits
Dulce Couto
Eva Lima Augusto
Fátima Maria da Penha de Oliveira
Lúcia Magnato
Madalena Godoy
Mailides Aparecida de Abreu Araújo
Marcela Pasqualucci Ronca
Maria das Dores Alves Linhares
Maria Elizanja Índio Martins
Maria Inês do Carmo
Maria José Carvalho
Públio Gonçalves de Carvalho
Rosa Vani Pereira
Sandra Mara Martins Pereira

Também participaram da formação :

Clério Soares de Paulo, Claudinéia Moreira de Sousa,
Claudia Maria Diniz, Júnia Cristina de C. Miranda,
Isabel do Rosário Madeira Monteiro.

Edição artística:

Dulce Couto

Edição de texto:

Cris Zelmanovits

Diagramação e Projeto Gráfico:

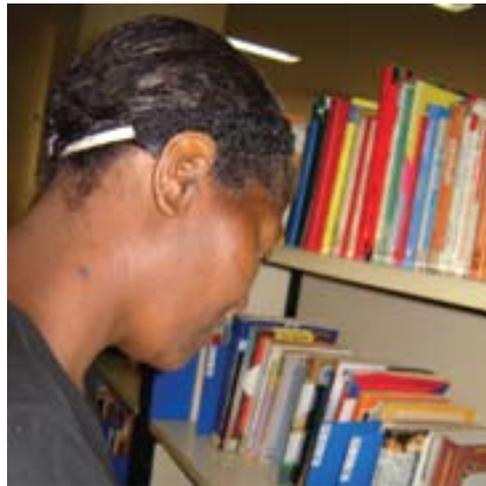
Dulce Couto e João Paulo Corsi

Ilustrações e capa:

Grupo de representantes das famílias,
participantes da formação e Dulce Couto

Fotografia: Dulce Couto, arquivo do Cenpec
e arquivo sohobh

- 07** Apresentação – História do trabalho desenvolvido
Cris Zelmanovits
- 12** Pensamento Livre
Fátima Maria da Penha de Oliveira
- 16** Quem são essas famílias?
Marcela Pasqualucci Ronca
- 21** Carta para Cris
Maria das Dores Alves Linhares
- 26** Resposta para Maria das Dores
Cris Zelmanovits
- 28** Jogo de empurra: escola x família
Públio Gonçalves de Carvalho
- 32** Famílias, crianças, escola e educação
Fátima Maria da Penha de Oliveira
- 36** Escola de lata
Antônio de Souza
- 39** Relação professor-aluno criança e adolescente
Maria Elizanja Índio Martins
- 42** De professora para professores
Madalena Godoy
- 46** Como ensinar uma criança e um adolescente
no comportamento
Maria José Carvalho
- 48** Famílias e escola
Maria Inês do Carmo
- 51** Saberes da Escola e saberes da família
Eva Lima Augusto
- 54** Os espaços das escolas e sua relação
com a aprendizagem dos alunos
Mailides Aparecida de Abreu Araújo
- 56** Abrindo nossas janelas para a arte
Dulce Couto
- 60** Escola Integrada
Lúcia Magnato
- 66** A aprendizagem nos diferentes espaços
da comunidade
Maria das Dores Alves Linhares
- 70** Os espaços da comunidade e sua relação
com a aprendizagem
Sandra Mara Martins Pereira
- 76** Tecendo relações entre a família e a escola:
as ações da Secretaria Municipal de Educação
de Belo Horizonte
Rosa Vani Pereira
- 82** Por que nos reunimos nesse trabalho com famílias?
Secretaria Municipal de Educação
de Belo Horizonte, Fundação Itaú Social e Cenpec



Apresentação

História do trabalho desenvolvido

Em que medida é possível entrelaçar o ser-fazer-saber das famílias com o ser-fazer-saber das escolas para garantir o direito de aprender de nossos meninos e meninas?

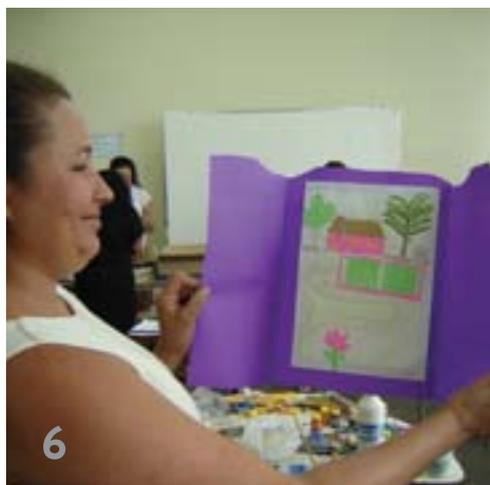
Esta foi a pergunta que norteou a escolha de conteúdos e estratégias utilizados em nossos encontros ¹ com 10 famílias do Barreiro, região de Belo Horizonte distante do centro.

A opção por estudar com as famílias alguns conteúdos mais densos perpassa três idéias:

1. Toda pessoa pode avançar em sua aprendizagem, independentemente de seus pontos de partida, ou seja, da distância em que se encontram seus saberes e determinado objeto do conhecimento
2. “As pessoas sabem o que querem, mas também querem o que não sabem.”²
3. A apropriação de determinados conteúdos e de aspectos da cultura escolar permite às famílias entradas mais qualificadas nas discussões.

Três módulos foram trabalhados em nossas oficinas:

- Os sentidos da aprendizagem – módulo em que aos participantes foram propostos sobrevôos pelos sentidos do conhecimento de forma mais geral e visitas mais específicas à língua portuguesa, matemática e arte;
- O cotidiano escolar e os diferentes espaços de aprendizagem – módulo em que os participantes pesquisaram e discutiram a existência e o uso dos espaços da escola e da comunidade no trabalho desenvolvido com os alunos;
- Produção de textos – módulo em que os participantes foram convidados a colocar em jogo o que já sabiam e o que aprenderam para construir textos que sugerissem possibilidades para que escolas, famílias e comunidades se juntem na luta pela melhoria da aprendizagem de nossos meninos e meninas.



1. 13 encontros de 3 horas e meia cada contando ainda com a participação e colaboração de professores comunitários e profissionais das secretarias da educação e da assistência social.
2. Frase dita pelo Ministro Gilberto Gil durante o discurso de abertura do Prêmio Cultura Viva, realizado em Porto Alegre no ano de 2007.



“Eu fui para a Educação Infantil. Eu achei que não fosse conseguir fazer a visita com este olhar de pesquisa, pois convivo muito dentro da escola, mas me surpreendi! Eu notei que a escola faz mais do que mostra”.
Lúcia

Importante dizer que cada um destes módulos traduziu-se em muitos assuntos.

No módulo 1, mais extenso de todos, as famílias puderam:

Conhecer a história de uma instituição (escola) que, ao longo do tempo, tem se ocupado com a socialização de conhecimentos, seus avanços e seus desafios atuais (vídeo “Toda criança na escola”, da série Convívio Escolar - TV Escola);

Reconhecer a importância das aprendizagens que se dão fora dos muros da escola (histórias pessoais, leitura de fotografias e desenhos, leitura de crônica);

Discutir as relações entre escola e família (vídeo “Pais: inimigos ou aliados” da série Convívio Escolar- TV Escola);

Descobrir as condições a serem garantidas para a formação de leitores dentro e fora da escola (análise de produções infantis, ida à biblioteca municipal, análise de vídeos de sala de aula, conversa sobre trecho do documentário Língua – vidas em português, vídeo “Como as crianças aprendem a gostar de ler”, da série Livros e etc. - TV Escola, pesquisa na comunidade);

Estabelecer relações entre os saberes matemáticos e a vida (vídeo “Jogos e atividades para trabalhar as operações”, da série PCN na escola – Matemática - TV Escola, ampliação do repertório de jogos, confecção de jogos);

Estabelecer relações entre arte e cultura (análise de obras e de seus contextos, ida à exposição de arte, produção de desenhos e colagens).

No módulo 2 foi possível:

Pesquisar o que os espaços das escolas contam sobre as aprendizagens dos alunos (análise de vídeos e observação nas escolas);

Socializar e conhecer experiências de trabalho bem sucedidas entre escolas e comunidades (relatos orais e análise de produções infanto-juvenis);

Elaborar roteiro de observação das escolas e elaborar entrevistas;

Realizar observações e entrevistas nas escolas.

No módulo 3:

Planejar o que escrever ou o que ditar para ser escrito;

Reforçar o sentido da autoria dos textos, pensando inclusive em quem não domina a escrita convencional (análise de trecho inicial do filme Central do Brasil);

Dividir tarefas;

Produzir os textos e revisá-los.

Estudos, leituras, análises de vídeos, pesquisas, análises de produções infanto-juvenis, entrevistas, conversas, explorações, produções... Eis os alimentos oferecidos para que as famílias conhecessem as regras do jogo. Sem dominar essas regras, como jogar com as escolas?; Como conversar nas escolas sobre a quantas andam os resultados das aprendizagens dos filhos?; Como dialogar, somar, criticar, propor?

Relendo todos os textos produzidos pelas famílias, observo que há muitas indicações de possibilidades para seu envolvimento com a vida escolar dos filhos e para o envolvimento das escolas com a vida familiar de seus alunos:

- Em um de seus textos Fátima sinaliza que o fortalecimento do ponto de vista psicossocial, econômico, político e cultural das famílias é fundamental quando queremos tornar os pobres mais competentes para acessar e usufruir bens, serviços e riquezas societárias.
- Ao dar a conhecer as condições em que famílias pobres vivem, Das Dores mostra ser profundamente necessário produzir conhecimento mais denso sobre a trajetória de vida dessas famílias e sua relação com serviços públicos.
- Na entrevista em uma escola municipal, tendo como pano de fundo a relação professor-aluno, Elizânja propõe um exercício interessante: o confronto de diferentes pontos de vista tendo chances de aproximação.
- Maria José traz à tona a necessidade das conversas entre pais e escolas ser alimentada pela produção cultural mais ampla. Maria Inêz complementa esta idéia falando que quando familiares ampliam seus conhecimentos conseguem contribuir mais com as aprendizagens de seus filhos.
- Ao dizer que cidadãos de direito são feitos de oportunidades e aprendizagens, Eva explicita possibilidades de complementaridade entre escola e família para garantia da cidadania.
- Explorando as oportunidades de aprendizagem contidas nos diferentes espaços da escola e da comunidade, Maildes e Sandra mostram que não basta a existência de espaços, há que se discutir seus usos.
- Públio entende que isoladas, escola e família podem muito pouco. Aliadas em função de um objetivo comum – a educação de crianças e adolescentes – e se somando aos demais serviços e projetos da comunidade, daí sim podem alavancar ao máximo as possibilidades de aprendizagem do grupo infanto-juvenil de determinado território.
- Mesmo reconhecendo avanços significativos, Lúcia observa que ainda há muito caminho pela frente. É preciso um diálogo feito de confiança mútua entre escola, família e comunidade para não reduzir a escola a um equipamento da rede de ensino. Este diálogo exige esforços, comprometimentos, olhares e cuidados de todos nós.

Tanto temos lido, ouvido, falado sobre educação atualmente...

O mapa que reúne fragilidades e consistências e que se desenha com idéias das mais intelectualizadas às mais intuitivas me parece ainda borrado. Outras vezes o mapa me dá a sensação de que faltam alguns pedaços.

O sentido desta publicação é trazer a voz e as palavras das famílias. Seu registro pede validações, discordâncias, complementações, debates. Pede movimento. Este movimento é o que vem sendo construído em Belo Horizonte.

Cris Zelmanovits
formadora





Pensamento Livre

Belo Horizonte, 30 de Novembro de 2007

Falando da questão livre estou colocando neste momento que não sei como é a participação de cada um neste livro, se todos terão a mesma chance ou se terá escolha. Se for mesma chance ficarei muito feliz, mas se for por escolha mesmo assim ficarei feliz. Porque nunca esperava participar de algo tão bonito como foram estas reuniões. Daqui a 5 a 6 ou mais anos, os meus netos e filhos poderão ver a importância de participar porque muitas vezes recebemos convites para participar de alguma reunião e colocamos primeiro a dúvida: se comparecer ou não. Não procuramos saber o que vai ser discutido ou resolvido. Chegando aos 44 anos, vejo que tudo é possível vindo de família pobre. Minha mãe teve que trabalhar sozinha para nos sustentar. Somos três filhos, mas não tivemos nome nem amor de pai no registro. Então

Páro e penso que é maravilhoso poder conhecer
E falar com pessoas que têm um grau de
Estudo maior e tratar a gente como ser
Humano e dão oportunidade da gente falar
e expressar nossos sentimentos e saber
também que em alguns meses serão passadas
Estas palavras para muitas famílias que
se sentem como eu. Não derrotada, mas
Sim com vontade de vencer e provar que
Sempre há esperança em um coração sendo
ele pobre ou rico. Fiquei muito feliz
de conhecer cada um do grupo. É daqui
para frente nunca deixarei.

Que alguém fale para mim ou para
Ele mesmo que não é ninguém e que não
Consegue chegar em lugar nenhum.

Porque quando uma porta
se fecha, Mil se abrem
em nosso favor.

Fátima Maria da Paula de Oliveira,
mãe



Quem são essas famílias?



“Bem vindos ao voo 3227 com destino a Belo Horizonte.”

Assim começavam as minhas quartas-feiras, dias de encontrar as autoras e os autores que vamos ler. Acredito que em algum momento você leitor possa ter curiosidade: quem são estes produtores de textos que colocam em diálogo diferentes aspectos de uma questão fundamental que circunda o universo familiar, a educação formal dos filhos?

Vou tentar compartilhar com você um pouco do que conheci sobre estas famílias. Sei que minhas palavras não serão suficientes e nem farão jus a quem realmente elas são, mas penso valer o atrevimento. Começamos trabalhando com 11 famílias, mas em certo momento uma delas se despediu do grupo, pois sua “reza foi tão forte”, que um emprego ela arranhou.

O grupo era composto por nove mulheres e apenas um homem. As idades variavam dos 28 aos 58 anos. Dessas famílias, seis nasceram no interior de Minas Gerais e quatro nasceram e se criaram em Belo Horizonte. Hoje, todas moram na região do Barreiro, na zona sul da capital mineira.

São famílias aparentemente comuns, como tantas outras que sonham com um futuro melhor para seus filhos, desejando que eles frequentem uma faculdade, que se formem e exerçam uma profissão. Claro que se estivéssemos falando de famílias de classe média ou média alta, este sonho estaria muito mais próximo da realidade. Seria a consequência quase natural da existência dos jovens: após a escola, faculdade e entrada no mercado de trabalho. Mas os fatos que tentarei descrever aqui são outros: vou escrever sobre uma realidade mais dura, realidade essa vivida pela maioria dos brasileiros cujas famílias sobrevivem com um salário mínimo, em média, e cujos filhos estudam nas escolas públicas de nosso País.

A maioria dessas famílias não tem direito à habitação, mora em casas cedidas por parentes ou permanece em terrenos ocupados. É gente que, dia e noite, torce para não perder seus espaços em função da reintegração de posse. Convivem com o medo da violência urbana, bem perto das drogas e do tráfico. Sofrem graves angústias por presentirem a possibilidade de seus filhos serem atingidos ou atraídos por estas circunstâncias cruéis.

E não é sem razão: se hoje em dia o problema do desemprego é mundial, no Brasil, em particular, a questão assume importantes proporções. Assim sendo, o desemprego também demonstra ser problema e preocupação constante na vida

de todos. Saliente-se: na maioria dos casos, apenas um integrante da família tem renda vinda de emprego formal ou informal. Igualmente, é relevante notar que o número de pessoas que mora nas casas variava entre 3 e 8 integrantes.

Alguns do grupo estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental, outros nem chegaram a tanto. Quatro representantes do grupo de famílias cursaram o segundo ciclo do Ensino Fundamental, sendo que apenas um conseguiu concluí-lo. E somente duas pessoas tiveram a oportunidade de terminar o Ensino Médio.

A idade escolar dos filhos e netos ia desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Não querendo que seus descendentes repitam suas histórias, e com o grande desejo de que eles tenham uma vida melhor, essas famílias se empenham para que todas as suas crianças e seus adolescentes estudem e concluam o ciclo acadêmico. No entanto, têm que lutar para não se enfraquecerem diante das já tão conhecidas dificuldades: pouca capacidade da escola conciliar os saberes formais com os produzidos pelas famílias e comunidades, desinteresse dos alunos com relação às matérias escolares, ausência de vínculo com professores, necessidade de começar a trabalhar para ajudar em casa e por aí vai...

Por se sentirem às vezes sem amparo, a rede social de apoio à qual essas famílias recorrem e da qual recebem certo auxílio é composta por familiares, vizinhos e instituições religiosas. Apenas duas famílias estão inseridas em algum programa social.

A conversa sobre os sonhos e desejos dessas pessoas está sempre voltada ao fato de terem uma casa (ou terminarem de construir a própria), voltarem a estudar, verem os filhos formados e com saúde, indicativos claros da precária situação socioeconômica de nosso País que ainda patina na garantia dos direitos básicos dos cidadãos.

Durante nossos encontros, ficou evidente a disposição de todos para aprender, ensinar, refletir, opinar, produzir, debater. As oficinas proporcionaram também um espaço de troca afetiva, de experiência de amizade, de produção de conhecimento e de realização conjunta. Se tais oficinas não têm o poder de mudanças imediatas nas condições de vida, valem para criar uma rede de conscientização social na comunidade. Este sim pode ser um primeiro degrau para mudanças sociais.

Qual a dose de utopia em tudo isso? Eduardo Galeano, escritor latino-americano, tem uma resposta que nos ajuda a pensar: "Ela está no horizonte (...) Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isto: para caminhar"³.

Enfim, sinto-me privilegiada por ter tido a oportunidade de conhecer e conviver com pessoas tão especiais, pessoas que fazem valer a pena entrar em um avião toda a semana para, simplesmente, caminharmos juntas.

Marcela Pasqualucci Ronca
formadora





Carta para Cris

(trechos)



Belo Horizonte, 04/12/07

(...) Não sou de ficar falando de mim, mas com você me sinto bem e estou desabafando um pouco.

Fui criada com muita dificuldade. Sou a mais velha de 12 irmãos. Tive muita dificuldade para estudar. A escola era muito longe de onde nós morávamos. Não tinha conforto nenhum, nem material direito para estudar. Os vestidos eram dois de chita: uma pra estudar e outro pra ir à missa nos domingos. Pra ficar em casa era um pano que chamava carne seca. Não tinha agasalho – quantas vezes eu passei a noite com os meus dois irmãos no colo, na beira do fogo para aquecer do frio. Eles choravam à noite toda de frio porque não tinha coberta e nem uma casa direito. Era casa barreada, cheia de buraco.

Nem por isso eu me desisti de lutar pra chegar na escola. Andava duas horas de estrada cheia de pedra (que diz cascalho). Mesmo assim, com todo esse sacrifício, eu estudei até a 4ª série. Depois fui trabalhar em casa de família pra ajudar meus pais porque tinha meus irmãos pequenos e, só meu pai trabalhando na lavoura, não dava.

Quando eu estava estudando ajudava meu pai trabalhando na roça. Meu pai era muito rigoroso com a gente. Ele colocava a gente pra trabalhar na enxada. Nós não podíamos pegar nem no caderno pra fazer “para casa”⁴. Nem fazer leitura. Só na escola a gente estudava.

Quando estávamos passando mal, tínhamos que ir trabalhar assim mesmo. Um dia eu estava com muita dor de dente, com o rosto inchado, não estava agüentando trabalhar de tanta dor. Eu estava louca de dor e pedi pra ir embora, mas meu pai não deixou. O sol estava muito quente, eu cheguei a pedir a morte, estava desesperada. Disse assim: “ô, meu Deus, não agüento mais. Uma cobra podia me picar pra mim ir embora”. Não cheguei nem acabar de fechar a boca e rente com o pé de milho ali estava a cobra com o bote armado pra me picar. Meu pai, vendo a cobra cascavel próxima do meu rosto, disse: “fica quieta senão ela vai te picar”. Ele sabia que se aquela cobra me picasse eu iria morrer porque não tinha recurso nenhum onde nós morávamos. A cidade mais próxima era a

4. Nome dado à lição ou dever de casa em Belo Horizonte.

umas cinco horas de carro, fora achar um carro... Meu pai sempre levava a espingarda pra roça. Esta foi minha salvação. Ele deu um tiro na cobra e matou-a.

Eu fiquei tão assustada que disparei a chorar. A partir deste dia nunca mais falei as coisas sem primeiro analisar, porque as palavras mal pronunciadas têm poder.

(...) Eu nunca tive infância. Nunca brinquei de boneca. Eu nunca tive uma boneca. Depois de adulta que eu passei a me divertir, passei a ter um pouco de liberdade. Vim pra Belo Horizonte, estava com 19 anos, morar com minha tia e cuidar dos filhos dela. Já tinha três anos que estava aqui e conheci meu marido. Minha tia não queria que eu namorasse com ele. Ela dizia que ele era um moleque. Acabou que eu fui embora com ele e depois de dois anos nós voltamos para Belo Horizonte. Fui morar com minha sogra. Passados seis meses fui morar em um cômodo do lado da casa da minha sogra. Mas estava ótimo! Era só nós dois e estávamos felizes.

Depois de dois anos fiquei grávida. Como ficamos felizes! A notícia da gravidez foi uma felicidade da família, o primeiro neto. Foi uma gravidez muito difícil, mas meu marido, sempre carinhoso, só tinha olhos pra mim. Nasceu meu primeiro filho, alegria de todos. Quando ele estava com 2 anos, nasceu meu segundo filho. Eu já morava em um outro barracão com dois cômodos e uma escada enorme para chegar aos quartos, mas era uma maravilha nossa vida. Meus filhos cresceram um pouco e eu voltei a trabalhar para ajudar meu marido. Doida pra ter minha casa, um lugar que fosse meu, que eu pudesse mandar, porque morar em barracão dos outros é horrível. Eu queria um cantinho só pra nós. Nós quatro éramos muito felizes, meus filhos tudo de bom, meu marido nem se fala. Só faltava um lugar pra gente, mas não tínhamos condições pra comprar nem um barraco na favela porque tudo ia pra comer e vestir. Eu nunca perdi a esperança de um dia ter um lugar pra morar onde eu poderia plantar minha horta e meu jardim porque eu adoro mexer com plantas.

Meus filhos já estavam grandes. Coloquei no jardim e depois na escola. Quando meu filho mais velho estava com 13 anos apareceu a invasão de um terreno próximo à escola que ele estudava. Ele chegou pra mim e disse: "Mãe, eu vou arranjar um lugar pra gente morar. Aqui não dá pra gente morar não. Só dois cômodos, não bate sol, não tem uma área. Eu vou lá na invasão". Eu disse pra ele: "Não, você não vai lá porque é muito perigoso. Se eu deixar você ir, seu pai briga comigo". Ele não falou mais.

Passou o final de semana, tudo numa boa. Segunda-feira ele levantou e foi pra aula, até aí



tudo bem. Deu horário do meu outro filho ir pro jardim e o mais velho não chegava. Fiz meu terceiro filho, o caçula, dormir e levei o do meio para o jardim. Voltei rápido e o mais velho não tinha chegado. Fiquei desesperada. Pedi à vizinha que olhasse o caçula e fui até a escola. Chegando lá perguntei pelo meu filho mais velho e disseram que tinha saído junto com os outros alunos. Foi aí que eu me lembrei da invasão.

Saí doida a caminho do local. Chegando lá tinha uma entrada com dois caras. Eu perguntei se eles tinham visto meu filho (dei as características) e me disseram que ele tinha entrado com dois colegas que moravam lá. Pedi que me levassem até a casa dos meninos e eles fizeram a gentileza de me acompanhar. Ali estava meu filho: no meio de tantas barracas de lona preta, todas amontoadas. Só existiam becos. Cheguei perto de meu filho e ali estavam várias pessoas em volta dele.

_ Filho, estou te procurando igual doida e não te acho. Por que você fez isso?

_ Ô, mãe, me desculpa, mas eu precisava. Estas pessoas que estão aqui me ajudaram. Eles me deram almoço, já arranjaram material pra minha barraca, me ajudaram a fazer a barraca. Aqui está nosso cantinho, mãe!"

_ Mas meu filho, é muito perigoso. Você é de menor, não pode ficar aqui.

Eu, sem saber como agir, toda aquela gente me olhando, eu não conhecia ninguém. Meu filho, muito popular, disse assim pra mim: "Vou te apresentar para meus amigos. Aqui está tia Elza e seu esposo tio Manuel, Neuza e o esposo José Afonso..." Meu filho estava radiante naquele lugar. "Vamos ver a minha barraca, mãe!" Chegando na barraca eu fiquei apavorada com o tamanho. Tive que entrar ajoelhada, mas eu estava feliz de ver meu filho naquele entusiasmo, naquela alegria. Só que eu também estava sem saber o que fazer. Fui com todo carinho falar com ele que não tinha como ele ficar ali porque ele tinha aula. Outra: eu não poderia ficar lá com ele por causa do irmãozinho pequeno e tinha também o irmão do meio pra mandar pra aula, fazer comida, arrumar a casa.

Vi as pessoas chegando mais perto. Foram logo dizendo para mim que eu fosse dormir em casa porque eles iam olhar a barraca de meu filho, que ele poderia ir lá só depois das aulas. Eu fiquei mais tranquila, mas tinha outro problema: falar com meu marido. Passados dois dias eu falei. Ele ficou bravo e



me disse que se acontecesse alguma coisa com nosso filho que eu iria ver com ele. Eu rezava e pedia a Deus todo momento. Passados alguns meses, pedi para meu cunhado fazer uma barraca melhor. Ele foi com meu marido. Meu filho apresentou a turma, fizeram um barraco grande e, ao ver a felicidade do filho, meu marido se animou a morar lá.

Antes disso eu passei a ir todas as noites pra dormir com meu filho. Depois que fizeram a barraca grande, eu coloquei uma cama de solteira e passei a fazer esse sacrifício carregando menino pequeno, mamadeira, garrafa de café. Mas tudo foi se ajustando: arranjei um fogão e não foi mais preciso carregar café e mamadeira. Meu marido não ia pra lá dormir, ficava com meu filho do meio. Foi assim até que meu marido chegou pra mim e disse: “Vou aumentar aquela barraca e vamos todos para lá”.

E assim foi nosso grande

desafio. Você imagina morar quatro anos numa barraca de lona preta, sem água, sem luz, sem banheiro? Água a gente buscava em uma mina que ficava longe. Nós tirávamos um dia pra encher um tambor de 250 litros, carregando balde na cabeça morro acima.

(...) As coisas foram melhorando, os líderes do acampamento conseguiram luz e depois bico de água (bico significa torneira no meio do acampamento) para todos os moradores. Neste aspecto as coisas estavam melhorando, mas em outro piorando - por exemplo, a violência estava cada dia pior, o tráfico de drogas estava cada dia aumentando. Eu ficava preocupada com meus filhos crescendo dentro daquilo tudo, vendo tudo: mortes, brigas, armamento pesado. Eu pedi a Deus que me enviasse um caminho. Foi aí que eu tomei uma decisão: parar de trabalhar para acompanhar os passos dos meus filhos.

Já era em tempo: meu filho mais velho estava envolvido com os tra-



ficantes. Como eram todos conhecidos e nós tratávamos todos bem, eles só cobraram a droga que meu filho estava devendo. Foram até minha casa, eu paguei e agradei o chefe por ter me considerado e não ter espalhado pelo bairro o que meu filho estava usando. Foi muito triste para mim, mas pro meu esposo foi pior porque ele sempre falava com os filhos, explicava o que era certo. A decepção maior foi porque nosso filho era muito inteligente e prendado. Mas nós não deixamos nosso filho nesta. Ajudamos em tudo que ele precisou. Ele teve muita força e saiu do vício, graças a Deus. (...) A maioria dos meninos que cresceram com ele já foi morta por causa das drogas. As mortes eram uma em cima da outra. Só morte que eu vi frente a frente foi umas sete, fora os feridos que a gente era chamado para socorrer, porque só a gente tinha um fusca velho.

Este velho fusca salvou muitas vidas. Eu fico muito feliz por isto. Até hoje, quando alguém pede pro meu marido levar ao médico, se ele está em casa, vai. Só não atende melhor a comunidade porque viaja muito a trabalho, fica poucos dias em casa.

Apesar de todo esse sofrimento que eu já passei, eu não desisto nunca do meu sonho de ter minha casa construída e os papéis do meu terreno na minha mão. Não é só este desafio que eu tenho. Eu estudo. Acabei de passar para o 3º grau e não vou desistir jamais. Todas as pessoas que não têm estudo, eu incentivo a estudar. Meus filhos me dão a maior força. Meu marido mais ainda. Meu marido é meu amigo, colega, companheiro. Ele é meu tudo, razão de meu viver. Por isso eu fico batalhando um serviço mais próximo pra ele, para que todos os dias possa voltar para casa.

Ele só fica dois dias em casa. Nós só falamos pelo telefone. Meu filho fica muito nervoso sem a presença do pai. Eu fico muito carregada, tenho que resolver tudo, ser mãe e pai ao mesmo tempo. Minha terapia é estudar, escrever muito e mexer com minhas plantas. Tenho vontade de fazer curso de jardinagem, mas é muito caro, não tenho orçamento que dá pra isto. (...)

Maria das Dores Alves Linhares
mãe



Resposta

para Maria das Dores

Das Dores querida, muito querida,

Li suas 14 páginas manuscritas assim que cheguei a São Paulo. Queria tanto que você tivesse visto minha cara, meu jeito, a forma que meu olho fica quando a alma se emociona inteira...

Se você tivesse visto, talvez eu nem precisaria de palavras agora. Seriam algumas lágrimas, um grande abraço e a entrega de uma doçura qualquer que me habita de vez em quando e que em você transborda o tempo todo.

Em alguns dias iremos nos encontrar e parte desta resposta será dada ao vivo em forma de uma boneca-chaveiro (que é para você poder carregar o tempo todo). Vamos agora à parte escrita:

Nem sei como agradecer a confiança de ter me aberto sua vida. Mais que isso: imagino que você tenha gasto várias horas tecendo cada palavra antes de me entregar.

Sei que é uma carta íntima, mas vou lhe pedir permissão para publicar partes dela no material que estamos fazendo por vários motivos. O mais importante deles talvez seja o fato de que sua carta quebre as pernas de análises apressadas que tentam explicar as coisas da vida através do jogo do bem contra o mal. Explico isso melhor: você nos faz ver que o pai que impede a filha de estudar é o mesmo que a salva da morte; que o filho que se envolve com drogas, por



conta de tomar parte em uma invasão, é o mesmo que procura uma casa melhor para a família; que os homens do tráfico são os mesmos que compreendem a dor de uma mãe e libertam seu filho e por aí vai...

A existência é feita dessa complexidade toda mesmo. Bem e mal misturados na vida, nos lugares, nas pessoas, dentro de cada um de nós. Suas palavras mostram esta idéia com toda a nitidez. Existe uma transparência que não tenta se enfeitar, nem se maquiagem. É tudo muito de verdade. Seu texto tem coragem de ser e ousadia de viver!

Além disso, sua carta tem muita vida pulsando e por isso consegue dialogar com muitas pessoas. Através dela, professores podem se sentir convidados a conhecer melhor as condições em que vivem seus alunos antes de os pré-julgarem por não fazerem o "para casa"; pais e mães poderão perceber que mesmo tentando fazer o melhor pelos seus filhos, às vezes o mundo é mais forte e passa raspadeiras; profissionais que trabalham com educação, assistência social e saúde poderão fortalecer a idéia de que sem articulação, não daremos conta da realidade que a maior parte da população brasileira enfrenta.

Bom, daqui a pouco você me dirá se concorda ou não com a publicação. Torço para que sim, mas não vou tentar lhe convencer. Entendo que intimidades devam ser preservadas e quero que saiba que as suas estão em mim.

Com todo o meu carinho

Cris Zelmanovits
formadora





jogo de empurra: **escola** x **família**

Onde começa a responsabilidade da educação de nossas crianças e adolescentes?

Acredito que esta responsabilidade começa quando trazemos uma vida ao mundo. Começa aí a responsabilidade da família que, com o decorrer dos anos, é dividida com a escola. Vamos ver como anda essa divisão.

Às vezes a escola deixa o que realmente é proposto para o conhecimento do aluno, pois tem que se envolver com problemas que não são de sua competência, mas que se deixar de lado, podem se transformar em um problema que influencia um grupo no total, onde o estrago é grande. Observo que a escola chega a fazer um papel que a família tem deixado para trás em troca de buscar uma sobrevivência que tem se tornado cada dia que passa mais difícil.

A conscientização que as famílias têm que ter é que o papel delas é essencial – nada pode escapar da responsabilidade de cada um – “a educação vem do berço” é um dizer que não podemos deixar que morra porque realmente tudo começa neste momento, quando falamos e mostramos coisas certas e erradas a nossos filhos. Para isso não precisamos ser pessoas de alto poder aquisitivo. Podemos nos impor com uma presença mais ativa desde o momento que esta presença traga às nossas crianças momentos educativos (conversas, bons exemplos e acompanhamento sem ser vigiando).

Com o decorrer do tempo e quando esta criança chegar ao momento escolar, chegará com uma base educacional mais preparada para enfrentar a divisão família-escola às vezes uma diz uma coisa e a outra diz outra coisa e a criança fica no meio, indecisa e sem saber quem seguir. Sem orientação, acaba fazendo o que não deve. Isso acontece ainda mais com os adolescentes.

Escola e família são instituições separadas, mas ao mesmo tempo é uma educação conjunta onde as duas têm que ser parceiras por um tempo da vida de cada um de nós.

Para que esta parceria seja uma parceria educativa temos que nos tornar flexíveis aos limites que enfrentamos no dia a dia, buscando formas de uma convivência agradável entre família e escola. Este vínculo pode começar em reuniões escolares, num bate papo com os pais na porta da escola, num encontro casual na comunidade, numa festividade escolar etc. Várias são as oportunidades, temos que saber aproveitá-las.

Hoje precisamos de muito diálogo pessoal, principalmente no ensino, porque a escola faz convocação, não faz mais a verdadeira comunicação. Quer dizer, não senta freqüentemente com as famílias e comunidade, nem mesmo com seus próprios componentes (professores e outros funcionários). De que vale você ver o problema, mas não se interessar ou se empenhar para resolver em uma conversa simples, ampla e objetiva? Esta é a melhor maneira de fazer a comunicação, esta funciona.

Talvez este tipo de ação não esteja acontecendo porque estamos na era do desenvolvimento da tecnologia. Com isso ficamos mais relapsos para estar frente a frente para a verdadeira comunicação. Se voltarmos a fazer esta ação como antes – frente a frente, olho no olho – provavelmente todos os problemas se tornarão mais fáceis de serem resolvidos.

Mesmo que a escola e família façam sua parte, ainda é preciso garantir condições e materiais para os alunos estudarem; reunir agentes de educação, saúde e assistência social para acompanhamento dos alunos pobres e suas famílias; financiar estudo universitário com menos burocracia⁵.

Se isso acontecer, em breve espaço de tempo, não terá mais este chamado Jogo de Empurra. Aí sim teremos menos cobrança das famílias para a escola e vice-versa. Até mesmo educadores e governo poderão se entender mais. Éta sonho bonito! Enquanto podemos sonhar é sinal que ainda temos chance de consertar muita coisa.

Públio Gonçalves de Carvalho,
coordenador da Escola Aberta





Famílias, crianças, escola e educação

Eu acho que a responsabilidade pela educação das crianças e dos adolescentes é dos pais e dos professores.

Há um tempo atrás era mais difícil educar porque as relações eram mais formais. As crianças não podiam falar, eram corrigidas no olhar, eram tratadas quase como objetos por pais e professores.

Hoje em dia as crianças têm mais liberdade tanto na escola quanto em casa. Tudo está aberto para que elas possam falar, escolher, pensar e ver. O mundo está aberto com tantas possibilidades - computadores, vídeo, cinema, fotos etc.

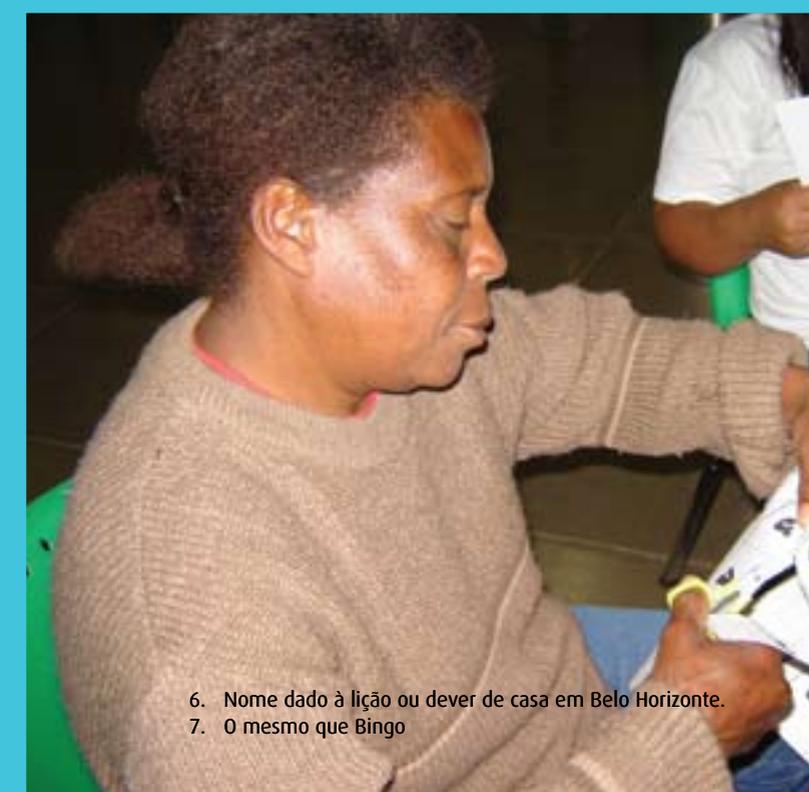
Acho que escola e família sempre empurraram responsabilidades uma para outra, mas antes isso ficava no silêncio. Agora a família fala que a responsabilidade é da escola e a escola fala que a responsabilidade é dos pais e com isso não se sai desse jogo de empurra.

Às vezes o professor acha que ensinar é cobrar alguma coisa que talvez a criança não consiga fazer. Já vi, por exemplo, pedirem para alunos escreverem as letras e eles não sabiam nem pegar no lápis. Eu acho essa a maneira errada de ensinar.

Chegando aos pais vemos que muitos não preocupam se o filho tem um “para casa”⁶ ou não. Outros dizem “não sei ler”. Não vou ensinar, mas acho que não é assim que funciona. Pode levar ao vizinho, ao amigo ou tentar. Quantas vezes ensinei meus filhos, tentando ajudar... Como não sei somar no papel, muito bem, somei com palitos de fósforo e eles acertaram o problema de matemática e ainda ganharam parabéns.

A matemática é muito importante na vida das crianças, dos adolescentes, jovens, adultos e velhos porque tudo o que fazemos hoje em dia é um jogo. Temos que somar, multiplicar, dividir e diminuir (água, luz, gás, supermercado, remédios, passagens). Assim, não só a escola ensina matemática. As famílias, mesmo quando não estudaram muito, podem

6. Nome dado à lição ou dever de casa em Belo Horizonte.



6. Nome dado à lição ou dever de casa em Belo Horizonte.
7. O mesmo que Bingo

ajudar seus filhos com os jogos, por exemplo. No jogo de baralho chamado 21, as crianças aprendem a somar; no dominó tem tudo, na vispa ⁷ se pode aprender a reconhecer os números.

A leitura é algo muito importante e eu acho que todos querem aprender a ler e a escrever. Hoje vemos adultos de 60 anos ou até mais que têm vontade, estão estudando e muitos conseguem aprender a ler e a escrever. A leitura também é uma forma de sair da timidez e de expressar todo sentimento que está preso dentro. A escola pode ajudar a família emprestando livros de sua biblioteca, por exemplo, para que pais e crianças possam ver o livro ou mesmo ler juntos. E a família pode ajudar contando lendas, ensinando músicas, conversando sobre imagens (gravuras que aparecem nos livros, quadros), assistindo a filmes.

Sabemos que tanto crianças como adolescentes não são fáceis, mas se tentarmos juntos vamos conseguir.

Fátima Maria da Penha de Oliveira
mãe

*Foi uma descoberta!
Compreendi que algumas
dificuldades que tenho
com matemática estão
associadas a nunca ter
jogado. Em casa todos os
jogos eram proibidos por
serem associados à malan-
dragem. Outra dimensão
interessante é a intera-
ção do grupo. No primeiro
momento tivemos que nos
ajudar para lembrar todas
as regras”.*

Toninho

*“Minha madrinha
Maria era anal-
fabeta e contava
histórias para mim.
O problema é que
ela sabia poucas...
Foi assim que eu
aprendi a gostar
de histórias, a
querer saber out-
ras histórias, a ter
vontade de ler”.*

Dulce





Escola de Lata

A condição do mundo quem me deu foi Lezinho:

Na tarde longa e fria
Escuto dois passarinhos
Um canta de papo cheio
O outro de papo vazio

Mas do que tinha medo, todo mundo, era de que ficasse louca a menina. Adelina lia no tempo incerto tudo o que lhe caía dos livros. Moça de muitas letras assustaria os pretendentes. Um dia, ao me ver recitando "O Rio", me pediu para olhar mais para o chão e menos tempo pro céu.

Aos doze anos me iniciei no magistério pelas mãos de Adelina. Era numa fazenda longínqua de muitos peixes, vaqueiros voadores e turma seriada.

Dionízia me mandou da Capital uma carta onde corrigia de mim a palavra oportunidade. No verso do cartão dizia ser aquela a praça mais fabulosa da cidade. Palmeiras grandonas e crianças de quase neve.

Maio entra na minha vida como canção e azul.

Mãe era o anjo teto lar do filho.

O professor Newton me preparou naquela tarde de maio para poesia. Sentei-me entre trêmulo. A sala todinha em silêncio. Andorinhas em sobrevôo na Escola. Voltei e fiz novamente o poema a pedido dele.

Não avisei minha mãe sobre o dia da festa. Vergonha, timidez e medo. Atrás de mim a multidão de meninos e olhos arregalados. Mãe no banco e lágrimas.

A escola de lata ensinava aos meninos a lição de voar.

Antônio Souza
professor e atual membro do núcleo de mobilização social da SMED



Relação Professor-aluno Criança e adolescente.

Caras Famílias,

Vocês perceberam como o mundo evoluiu?
Perceberam como a tecnologia está avançada?
E a Educação Escolar, vocês acham também que
ela evoluiu?

Que tal discutirmos um pouco sobre este
assunto?

Como está a relação dos professores com os
alunos?

É este assunto da fome pra manga, vocês
não acham?!

Vou começar colocando a minha opinião,
baseada em depoimentos de alunos e professores,
que são as partes interessadas e interessantes
deste assunto.

Para poder aprofundar a questão, conversei
com alunos e professores de uma escola municipal
de Belo Horizonte.

Segundo os adolescentes, os professores se
preocupam muito com a matéria a ser dada, e que
eles acham que está curta. Mas o que eles queriam
mesmo são meios diferenciados para que a
aula e a matéria se tornem mais interessan-
tes. Não é porque são adolescentes que os professores
precisam tratar a todos com a mesma postura.
Por exemplo não é porque um aluno é bagunceiro,
que todos têm que ser tratado com rigidez.

Muitas das vezes eles gostam do professor

e da sua matéria, mas sentem que falta algo que os cativem.

Quem sabe esta coisa que falta não seja a paixão por aprender e ensinar? Porque tudo muda e tempo todo. Só não podemos deixar mudar a capacidade de nos reciclar de acordo com as mudanças.

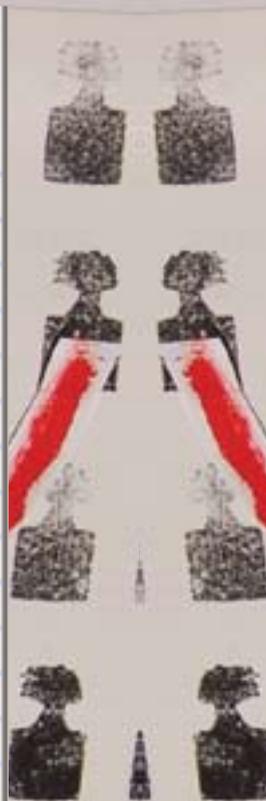
Não podemos parar no tempo!

Os adolescentes em sua maioria falam gírias, são rebeldes, ousados e são até chamados de aborrecidos.

Mas até que ponto isto influencia no aprendizado, prejudicando ou ajudando? Por que não trabalhar com as gírias, saber o significado delas e poder comunicar melhor com os adolescentes, falando a língua deles? Usar positivamente a ousadia dos jovens em teatros, danças, jogos e etc... Desafiando a rebeldia na construção de algo prático e com conteúdo.

Eles são conscientes que muitas das vezes passam dos limites e justificam que isto acontece porque não existem pedidos e sim imposições, por exemplo: Os alunos não podem usar celular na sala de aula, Mas os professores podem. Que as regras sejam iguais para todos!

Os professores, por sua vez, acham que estão com a razão. Reivindicam mudanças no sistema de ensino, acham que só assim poderão oferecer melhor assistência aos nossos



adolescentes e crianças. Mas será que a busca por alternativas não começaria a mudar esta questão? Por exemplo: na aula de ciências usar o laboratório e as áreas verdes, ou seja usar os espaços da escola e da comunidade como aliados para desenvolver as aprendizagens.

A criança é recebida pela escola aos 6 anos de idade e aos 17 anos é devolvida à sociedade com um certificado comprovando a conclusão do 2º grau.

Por longo destes anos de escolaridade, que processo foi utilizado como ferramenta, que garante a este aluno, junto com o certificado, um bom aprendizado?

Dentre deste processo de aprendizagem estão incluídos bom relacionamento, disciplina, organização, respeito e etc...? Nos momentos que este aluno apresentou dificuldades em alguma matéria, ele foi ajudado? De que forma?

O certificado no final da etapa significa a bagagem construída e desenvolvida no decorrer dos anos na escola.

Maria Elizanja Indio Martins, mãe



De Professora para Professores

No princípio do ano, quando iniciei minha experiência como professora de física na Rede Municipal de Ensino, estava desenvolvendo com os alunos do primeiro ano do Ensino Médio o estudo sobre inércia. Para quem não sabe, ou pra quem não sabe mais, inércia é o conceito criado por Galileu e evocado na 1ª Lei de Newton, que nos diz que “na ausência de forças resultantes, corpos em movimento tendem a permanecer em movimento, e corpos em repouso tendem a permanecer em repouso”. É devido à inércia, por exemplo, que precisamos nos segurar quando o ônibus freia ou faz curvas.

Pois bem, ao final da aula em que fiz uma exposição sobre a 1ª lei e sobre o conceito de inércia, pedi aos alunos que fizessem, em casa, um desenho que respondesse à pergunta: Quais seriam as conseqüências físicas se a Terra parasse de girar?

(É importante dizer que esta pergunta não é minha: esta pergunta havia sido formulada por um dos alunos no início do ano, quando solicitei a todos que fizessem perguntas sobre o mundo, perguntas que acreditassem que a física fosse capaz de responder. Estas perguntas serviram como norte para a escolha dos assuntos a serem discutidos durante todo o nosso curso).

Pensando sobre a instigante questão, os alunos levantaram uma dúvida inicial: era para considerar a Terra parando de girar somente em torno de si mesma ou era para considerar que ela pararia de girar em torno do Sol também? Decidimos considerar o movimento de rotação apenas, como se uma mão gigante segurasse a Terra e a fizesse parar de repente.

Na aula seguinte, fizemos um círculo e pedi que cada um explicasse seu desenho. Na minha cabeça, a principal (ou talvez única) conseqüência física relevante era que, devido à inércia, as coisas todas continuariam seu movimento no momento em que a Terra parasse, isto é, eu esperava ver no desenho as coisas voando.

Quando as explicações dos alunos começaram me dei conta de que havia muito mais respostas para esta pergunta do que aquela que eu esperava. A observação mais freqüente foi a relacionada ao dia e à noite – exemplo de produção de

aluno: “Se a Terra parasse de repente uma das coisas que poderia ocorrer é que uma parte da Terra receberia Sol e seria dia para sempre e do outro lado se tornaria noite para sempre. Seria como se não existissem as 24h, apenas 12h”. Outro aluno disse que “se a Terra parasse, as coisas presas a ela não parariam. De um lado seria dia e do outro seria noite. Prédios desabariam e as plantas do lado da noite não teriam os raios solares para produzir a fotossíntese, desse modo as pessoas não teriam oxigênio para respirar.”

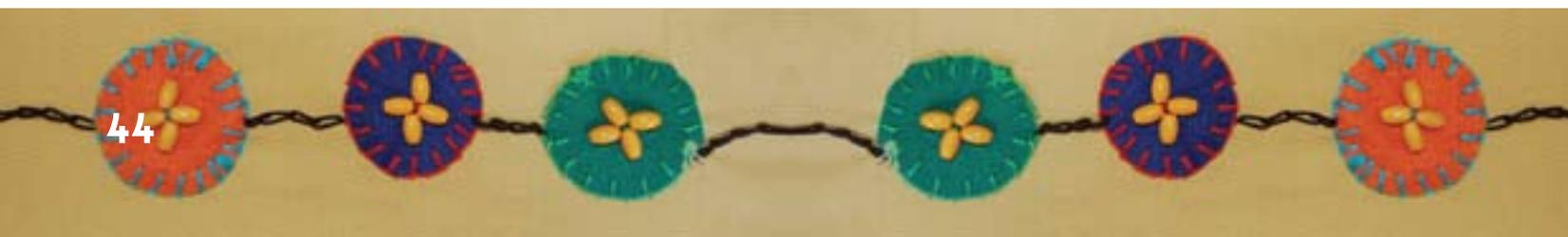
As discussões que foram surgindo durante as apresentações foram muito ricas e construtivas. Houve momentos em que conversamos sobre efeitos secundários da ausência de luz em uma face da Terra, tais como a possível escassez de alimentos e de energia elétrica, mas também momentos em que tentamos resgatar, da aula anterior, o conceito de inércia de Galileu e associá-lo à questão que estava sendo discutida. Com esta conversa pudemos entender melhor o que quer dizer “tendência de seguir o movimento”, termo que alguns alunos haviam utilizado em seus trabalhos sem apropriarem-se do seu significado a ponto de explicá-lo sozinhos. Pudemos também ampliar a compreensão sobre a necessidade da existência da luz do Sol para a manutenção da vida na Terra.

Gostaria de dizer que esse trabalho se deu num ambiente agitado, onde 30 alunos queriam falar ao mesmo tempo e nem todos estavam envolvidos na discussão em grupo. Mesmo assim, me chamou atenção a maneira como aqueles que participavam do trabalho iniciaram um processo de construção do pensamento através da interação que estabeleciam entre as suas idéias, as idéias dos colegas e a teoria científica.

Eram alunos de escola pública, muitas vezes vistos pelos professores e pela sociedade como inferiores, apresentando-me uma capacidade incrível de elaboração do pensamento abstrato. Quando o aluno relaciona a interrupção da rotação da Terra com o fim da vida, em consequência da ausência de luz e, portanto, do processo de fotossíntese em uma de suas faces, está completando um raciocínio bastante elaborado e perfeitamente coerente, muito embora não fosse o raciocínio físico pretendido pela atividade.

Este breve exemplo mostra que **sem estar atenta e aberta a estas manifestações, a escola corre o risco de inibir a criatividade e a autonomia de pensamento dos estudantes, atitudes indispensáveis para a formação do conhecimento. Nós, professores, precisamos estar dispostos a ouvir os alunos, a aceitar suas sugestões, a pensar sobre suas hipóteses, a errar e a aprender com eles.**

Madalena Gogoy
professora



Como ensinar uma criança e um adolescente no comportamento

Meu filho é um menino bom, sabe? O problema dele, o que atrapalha o comportamento dele, é que ele responde muito. Ele está com 11 anos.

Quando a criança e o adolescente são desobedientes, eu achava que bater é o que resolvia. Mas não resolve: bater deixa muito violento. Agora eu acho que o negócio é conversar primeiro e depois tirar as coisas que gosta (videogame, bola na rua, computador) ou deixar de castigo.

Meu padrasto, que mora com a gente, batia no meu filho quando ele fazia coisa errada. Daí eu vi que meu filho ia para a escola e batia nos outros meninos. Foi a professora que descobriu porque nem a gente percebia o problema que tava causando para a cabecinha dele. Eu tive que pedir para minha mãe conversar com meu padrasto para ele parar de bater.

Uma vez fui na escola e participei de uma reunião com a polícia. O policial falou que não adiantava corrigir só na escola. A gente tem que ver também dentro da casa da gente, no lar da gente, como é, e tem que corrigir os nossos próprios erros primeiro.

Por exemplo, se eu fumo e mando meu filho comprar cigarro, eu estou fazendo mal. Às vezes a professora está fazendo um trabalho dizendo que o cigarro e a bebida não são bons, mas se o pai e a mãe fumam ou bebem, então quer dizer que é bom. A mesma coisa é a droga.

Quando eu estava na escola, no começo eu fiz muita bagunça, não prestava atenção, não fazia os exercícios. A professora até pediu à minha mãe que me encaminhasse a um psicólogo porque ela achava que eu tinha problema. Eu tinha dificuldade de aprendizagem e a professora não podia ficar só comigo porque senão ia atrasar os outros alunos.

Eu achava que fazer exercícios não era importante. Achava, igual muitas crianças e adolescentes acham, que é chato aprender a ler, que é chato aprender a escrever. E eu tive que aprender a maioria das coisas mais é lá fora, lá no mundo com as pessoas.



Se eu fosse professora, eu discutiria com as mães sobre o assunto do comportamento das crianças e dos adolescentes. Vendo as palestras da Rede Minas – TV Cultura eu aprendi muito sobre como educar meu filho.

O que precisa mesmo é que escola e família se juntem porque o negócio tá feio. Precisa ir na profundidade da educação.

Maria José Carvalho,
mãe

*(...) O desejo pela transformação, tão peculiar aos artistas e advindo de nossos sentidos, é a chave que temos para abrir nossas janelas e poder olhar o mundo de dentro para fora e de fora para dentro, transformando assim a dinâmica de nossa existência e também das futuras gerações.
(...)*

Dulce

Famílias e escola



“Criança pequena, quando a gente vê livro com ela, não olha só os desenhos, quer saber o que está escrito, se interessa”.

Maria José

Eu acho que as famílias têm que ter a sabedoria de se comunicar mais com a Escola para saber o que está havendo entre alunos e professores.

As famílias não se comunicam porque a escola não entra em comunicação com elas. Eu penso assim: a escola não tem muito interesse em dar satisfação à família. Satisfação sobre o procedimento do aluno na escola, sobre a aprendizagem, sobre a forma que os pais podem contribuir. Daí os pais mandam os filhos para a escola sem poder acompanhar melhor o ensino.

As famílias mais prejudicadas são as analfabetas. São as famílias em que o filho chega com o dever, pedindo ajuda, e a mãe fala: “eu não sei o que está escrito aí”. Isso já aconteceu comigo e eu me senti péssima. Eu resolvi a situação pedindo para que uma vizinha com grau mais alto de leitura ensinasse.

Uma mãe e um pai que não estudaram ou não estudaram muito não podem incentivar o menino a largar a leitura porque eles não tiveram para trás o ensino. Eles não podem querer o mesmo para os filhos. Tem que dar um jeito – se não tem vizinha, tenta ir à escola pedir um reforço a alguma professora. Quando isso não adianta, tem que procurar outra escola que dê mais atenção.

Outra coisa que mesmo sem saber ler uma mãe pode fazer é incentivar trazendo para casa revistinha, pedindo livro emprestado para parente e vizinho, levando o filho para a biblioteca pública. O importante é que o filho veja que a mãe dá valor ao estudo dele.

O exemplo que eu tive eu não quero para meus filhos. Meus pais não preocuparam com meu estudo. Eles preocupavam mais era com serviço. Eu tava com 12 anos quando comecei a trabalhar tirando areia no córrego para ajudar no sustento da família. Eu trabalhava e estudava até que não deu mais e parei de estudar.

Tenho 3 filhos. A mais velha tem 25 anos e foi até o 2o ano do Ensino Médio. Parou agora por causa de serviço – ela é secretária de informática. O de 23 parou na 4a série porque tem problema de cabeça e quando passaram ele para a escola normal, os meninos chamaram ele de doido e ele não quis estudar mais. A mais nova de 14 continua estudando, está acabando a 8ª e já vai para o 1o ano do Ensino Médio.

*Maria Inêz do Carmo
mãe*





Saberes da escola e saberes da família

A responsabilidade de ensinar a criança a ler e escrever é da escola. Esta é uma das funções da escola: a alfabetização de todos os alunos. Os pais podem ajudar nas seguintes questões: cumprindo com a responsabilidade deles de ensinar os filhos a respeitar os professores, horários de aula, as regras escolares, colocando os filhos em contato com os livros, contando uma história para que assim eles se interessem mais em ler e escrever.

Quanto à matemática, a escola precisa ensinar as contas, a tabuada, a resolução de problemas. Mas os pais também podem ajudar os filhos, por exemplo, a contar nos dedinhos, perguntando quantos dedos a criança tem em uma mão, e assim, ela vai aprender a contar e conhecer os números. Outro jeito que os pais podem ajudar as crianças é através dos jogos, como baralho, vira-cartas, porrinha etc. Pois assim as crianças também aprendem a conhecer os números, a contar, somar, multiplicar, diminuir, dividir, respeitar as regras, respeitar o outro, ganhar e perder que são coisas que fazem parte da vida. Desta maneira a criança pode aprender de um jeito gostoso: brincando, jogando e se divertindo.

Nas aulas de arte é preciso que a escola vá além do desenho e da pintura. Os alunos também precisam trabalhar com teatro (interpretação, construção de cenário e figurino, montagem da peça, memorização de falas), dança, música e outras formas de linguagem. A escola também precisa garantir visitas a espaços em que a arte está – museus, teatros, cinemas, nas ruas. Até na televisão tem arte e a escola precisa discutir isso com seus alunos.

Os pais também podem ajudar na aprendizagem da arte levando seus filhos a feiras de artesanato, museus, teatros, exposições etc. Visitas a estes espaços podem fazer com que meninas e meninos se interessem em pintar, fazer teatro, danças e outros.

8. Também conhecido como “Palitinho”, jogo em que se opera com estimativa.



Os espaços das escolas daqui apresentam várias possibilidades de aprendizagem aos alunos. A árvore na escola não serve só para dar sombra, serve também para ajudar na sobrevivência de cada um de nós porque a natureza é o oxigênio que nós respiramos.

Estudar biologia nas tantas árvores que não dão fruto e nas que dão, ensinar os alunos a importância de cada espécie, o respeito à natureza com os espaços de plantações é utilizar melhor os espaços.

Muitos pais e mães, mesmo sem ter ido à escola, são grandes conhecedores das plantas e podem ajudar nas aulas de ciências.

Outra forma de a família poder contribuir é indo às escolas para saber se o filho está indo bem nas matérias e também no respeito pelos professores e colegas. Pais que não sabem ler nem escrever também querem que o filho aprenda e se alfabetize, que estude bastante e se forme em profissões que ele goste de fazer.

A entrada da família na escola pode passar para o professor a oportunidade de conhecer melhor a família do aluno e, sendo assim, os professores têm mais apoio e mais conhecimento sobre os alunos.

O estudo é muito importante na vida de cada um. Eu acho que além da escola, cada aluno precisa ter o apoio da família para aprender. Estudar é um direito de todos. Espero que a frequência e a aprendizagem na escola possam fazer com que os alunos sejam respeitados como cidadãos de direito.

Eva Lima Augusto,
mãe

(...) No ambiente familiar podemos estimular a observação de elementos do cotidiano como por exemplo o ofício dos pescadores de uma determinada comunidade, as tramas de suas redes, as formas de vida que aparecem no mar a textura da areia...; os aspectos arquitetônicos da comunidade, a mitologia que permeia o território – tudo isso é matéria-prima dos múltiplos diálogos possíveis a se ter com a arte. Estas experiências influenciam na forma de expressão de cada observador e se convertem posteriormente em uma janela para a obtenção de uma “caligrafia” artística e construção de uma estética pessoal.(...)

Dulce



Os espaços das **escolas** e sua relação com a aprendizagem dos **alunos**

A escola, no meu modo de ver, tem muitos espaços que poderiam ser usados nas aprendizagens dos alunos. Conheço várias escolas com mesas desenhadas com jogo de damas, o chão pintado com amarelinhas, com alfabeto e com números. Por exemplo: o jogo da amarelinha poderia ser explorado pelos professores para ensinar as crianças a seqüência dos números e a contar.

A quadra deveria ser usada para promover jogos entre alunos e professores, pais e funcionários, e também com outras escolas. Essa seria uma maneira de aproximar as famílias, a comunidade, os professores e os alunos, e mostrar que todos podem se relacionar de igual para igual.

Naquelas escolas que têm jardins e hortas, os professores deviam aproveitar para ensinar ciências, pois assim os alunos poderiam aprender a plantar, a cuidar das sementes, o valor que cada fruta e verdura têm para nossa saúde. Aprenderiam também a importância das flores e da natureza para o nosso mundo. As crianças, aprendendo na escola, poderiam fazer em sua casa, com sua família, uma horta ou até mesmo um jardim.

A biblioteca poderia ser utilizada para promover gincanas de leitura que incentivassem as crianças a aprender a ler, a conhecer as histórias, os autores e a se interessar pelos livros.

Os refeitórios das escolas podem ser um espaço para as crianças aprenderem sobre boas maneiras à mesa, a usar os talheres, aprender na prática como se alimentar bem, aprender como preparar os alimentos e como conservá-los.

O pátio é um espaço que está sendo usado apenas para as crianças correrem e às vezes brigarem. Penso que este espaço deveria ser aproveitado para as crianças aprenderem a brincar e a resolver brigas. Poderiam conhecer mais jogos, brinquedos e brincadeiras tradicionais (pé-de-lata, rouba-bandeira, pique-esconde etc.) e também praticar dança, apresentar teatros e músicas.

Acho que a direção da escola, junto com os professores e com as famílias, deveria colocar em prática essas simples sugestões para melhorar o aprendizado de seus alunos e a convivência na escola.

Maildes Aparecida de Abreu Araújo,
mãe

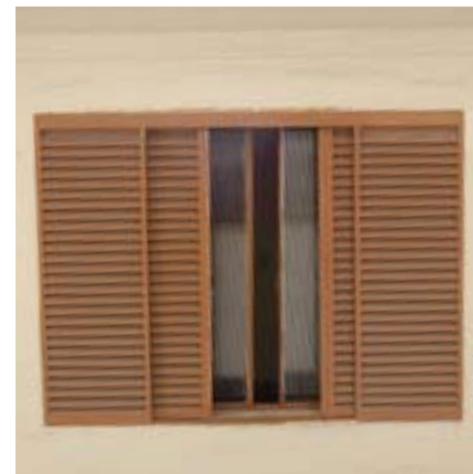


(...) No ambiente escolar as oportunidades devem ser intencionais e seqüenciais, organizadas a partir de um itinerário formativo no qual os alunos tenham possibilidades de desenvolver sua própria expressividade. Neste sentido eles não apenas produzem arte, mas também apreciam e conhecem manifestações artísticas referentes a distintos movimentos ao longo da história da arte. As oportunidades devem contemplar também aspectos relativos à cultura local, bem como as relações de cada um com sua cultura e de como esta se manifesta na territorialidade, considerando os elementos sociais, econômicos, religiosos e geográficos. (...)

Dulce

“Alunos que estão aprendendo escrevem letras espalhadas, trocam letras. Não há como aprender a escrever sem errar.”

Sandra



Abrindo nossas janelas para a arte

A arte foi a primeira experiência de comunicação humana documentada desde os seus primórdios. Essa manifestação, em suas mais variadas formas de apresentação, sempre foi capaz de nos fazer expressar diferentes maneiras de sentir o mundo ao longo dos tempos, de romper com padrões e de interpretá-lo, tendo em vista a busca de uma possível inclinação poética.

Podemos ter contato com a arte e nos apropriar dessa forma de expressão não apenas produzindo arte, mas também visitando museus e conhecendo os diferentes procedimentos das artes visuais, indo a concertos e ouvindo os mais variados estilos de música, assistindo a filmes e percebendo as mais variadas narrativas propostas pelo cinema, assistindo peças teatrais e percebendo os diferentes estilos de texto, cenários, figurinos....etc.

Não podemos também esquecer da arte presente nos circos com sua riqueza cultural nômade, nas tradicionais festas populares, nos rituais religiosos ou pagãos, nas festas folclóricas, oriundas do rico e colorido imaginário de nosso povo. Tais experiências estéticas promovem o alargamento do nosso repertório cultural, possibilitando-nos distintas formas de conhecimento, de compreensão e de relação com as diversidades do mundo no qual vivemos.

O ponto de partida para tais possibilidades de apreensão pode nascer com o despertar de nossos sentidos, janelas que devem estar abertas para que nosso corpo seja uma multiplicidade com um único sentido. Esse único sentido nos possibilita adquirir uma razão, capaz de transgredir e buscar as forças criadoras da cultura e da arte, pois as experiências sensoriais são um exercício que promove o descortinar de nossa capacidade criadora.



Portanto, olhar as formas do mundo, impregnar-se de seus odores, escutar os mais variados sons, sentir a temperatura dos espaços, degustar sabores distintos... são experiências que captamos ao longo de nossa existência e que formam nossa memória corporal. Esses impulsos são capazes de nos estimular a desejar o risco pelo novo, a querer o desconhecido, a transcender o tempo histórico e a transgredir o que já nos é sabido.

Consideramos portanto que a arte, em todas as suas formas de expressão, é um passaporte que nos impulsiona e nos coloca sempre atentos ao exercício de nossos sentidos, sendo um meio desafiador que nos convida sempre a olhar o mundo de forma múltipla.

Esse exercício de olhar estético conduz para o desenvolvimento de nossa sensibilidade e pode ser estimulado a partir de oportunidades educativas promovidas pela família e pela escola. Essas oportunidades também podem acontecer por meio da participação em eventos culturais que ocorrem na comunidade ou mesmo advindas dos serviços públicos disponibilizados de incentivo às artes.

O mais importante é que as famílias e escolas compreendam que as manifestações que possuem a arte em seu bojo são fontes infindáveis de educação e conhecimento. Estas manifestações podem se converter em sistemas de leituras extensos, profundos, lúdicos e eficazes para o desenvolvimento do potencial das futuras gerações.

Dulce Couto
arte-educadora

“Abrindo a janela percebo muitas coisas. Vejo do meu lado montanhas, vejo hospital, vejo colégio, vejo bares, vejo transporte escolar, vejo crianças, adultos, jovens, parentes, vizinhos. Também quando abro a janela e estou só, imagino como poderia muita coisa ser diferente do que é. Vejo que tanta coisa poderia ser mudada. Estando ali penso também porque uns têm demais, outros não tem nada. Às vezes também imagino que se eu tivesse muito ajudaria muita gente. Abrindo a janela vejo o que posso construir. Quando fecho procuro não deixar lá fora tudo o que imaginei naquele momento porque é importante sonhar e tentar realizar os sonhos e não deixar ninguém tentar matar seus sonhos. Sempre há esperança quando se abre ou fecha uma janela.”

Fátima

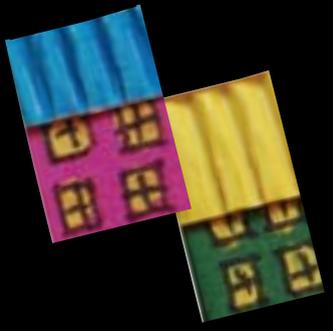


"Escola Integrada"

Voltando ao meu passado, nos tempos de escola, lembro-me que eram grandes as dificuldades para se conseguir materiais escolares - giz em sala de aula, às vezes até cartelas para que os alunos se sentassem para escrever. Hoje temos uma estrutura física boa, idéias que chegam para inovar a educação, mas percebo que falta coragem para colocar em prática o que está no papel.

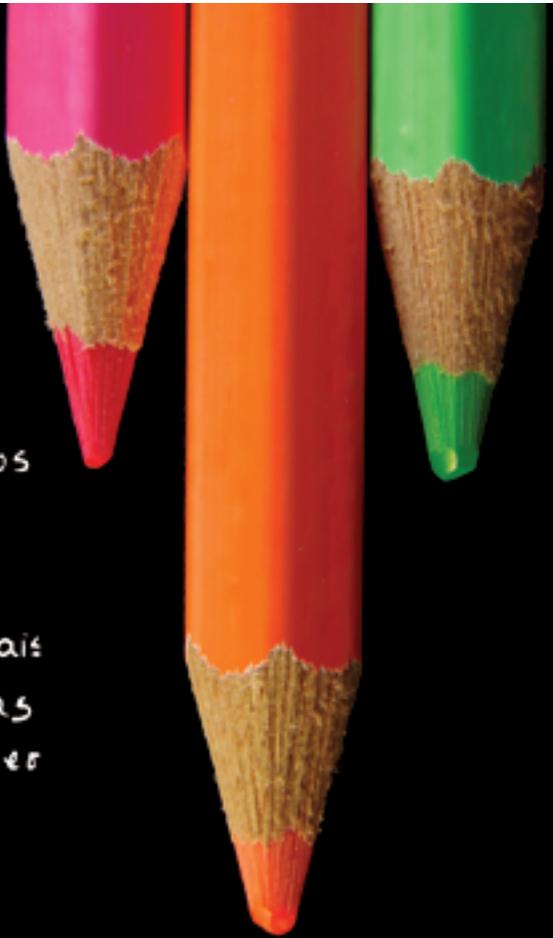
Ainda se colocam crianças dentro da escola e dizem que se dá a elas educação de qualidade, mas a educação na realidade continua mais nas leis e nos livros, já que poucos têm a ousadia de realmente oportunizar às pessoas certas para colocar em prática o que se chama de escola.

A Escola Integrada foi criada com o objetivo de melhorar a aprendizagem e a integração dos alunos com a cidade em que vivem, já que vários lugares públicos, como parques, praças, campos esportivos, teatros e museus passam a funcionar como salas de aula para nossas crianças e adolescentes. A idéia é boa, mas ainda não me sinto satisfeita, pois vejo vários ocos neste projeto: quando se vai para a prática aquilo que é proposto nem sempre consegue encontrar o apoio necessário daqueles que coordenam e aquilo que está no papel acontece de forma completamente inversa na prática.

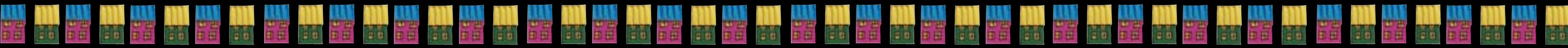


A Escola Integrada foi procurada para funcionar em dois turnos, com lanche e almoço para os alunos e monitorias. As atividades são direcionadas de acordo com a disponibilidade da região e quando não é possível, leva-se os alunos para áreas mais centrais da cidade onde se encontram as atividades propostas aos alunos. Encontram-se também atividades de lazer e atividades que proporcionam descobertas vocacionais.

Uma atividade que tem despertado um grande interesse entre os alunos deste projeto é a Educação pelo Trabalho, onde aluno e família têm participado da construção dos instrumentos e os alunos formam um grupo que tem crescido em várias regiões (bairros) da Capital. Quando se unem para as apresentações fazem grande sucesso e o carro chefe das suas apresentações é o Hino Nacional.

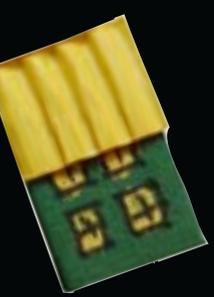
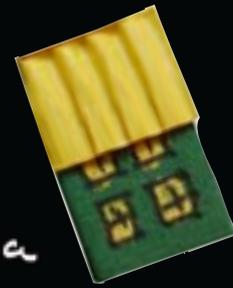


Na Escola Integrada se tem a ideia de que a comunidade e escola passem a crescer cada vez mais juntas, tendo a oportunidade de famílias estarem dentro da escola acompanhando o desenvolvimento escolar de seus filhos e, consequentemente, a escola também ficar mais ligada às famílias através de reuniões de pais, assembleias escolares, colégio, Escola Aberta nos finais de semana com cursos para os pais, esporte para alunos e comunidade e computação com Internet pública. Nas aulas de informática os alunos têm viajado por vários mundos sem sair da escola. Através da Internet, as descobertas têm sido às vezes boas (fazer novas amizades, aprender a pesquisar etc.) e às vezes más (existem assuntos que precisam ser tratados com muita delicadeza como, por exemplo, sites de sexo e drogas). Tenho tido oportunidade de presenciar assuntos entre alunos que jamais pensei ouvir. Fico preocupada quando vejo meninos e meninas pobres assistindo através destes sites a festas cheias de drogas e sexo feitas por adolescentes. Tenho medo que venham a usar isto como exemplo.



Esses dias porbe, por uma aluna, que a amiga de uma amiga, estuda em uma faculdade no curso de Medicina no horário noturno e durante algumas horas do dia se prostitui para poder se manter na faculdade.

Você já pensou se isso se torna comum? Onde é que vamos parar? É aí que entra a Escuridão do governo que se diz governo dos pobres, mas prefere maquiagem seus próprios projetos ao invés de colocar realmente em prática o direito de aprender desta juventude, que serão os governantes de amanhã.



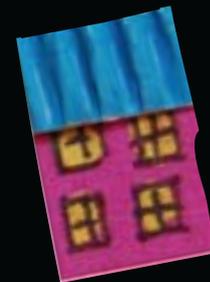
Até quando teremos que assistir nossa educação descendo pelo ralo e nossas crianças e adolescentes se marginalizando para que nossos Governantes continuem tratando o povo brasileiro com tanto descaso?

Já dizia Milton Nascimento:

Quero autopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade dos olhos de um pai
Quero que a justiça reine em meu país
Os meninos e o povo no poder,
Doido pra ver meu sonho feimoso
um dia se realizar.

(Versos de Coração Civil
Milton Nascimento / Fernando Brant)

Lejícia E. Magnato, mãe





A aprendizagem nos diferentes espaços da comunidade

A Aprendizagem nos Diferentes Espaços da Comunidade

A minha comunidade não tem espaços grandes, mas foi criado um pequeno espaço para os alunos com todo carinho. E está sendo muito bem aproveitado! No começo o professor coordenador dos alunos da escola integrada fez a cada espaço para colocar as atividades.

Três igrejas católicas foram usadas como espaços e, ainda tem Sidi da Capoeira do mestre Tito, grupo de teatro e um espaço que tem numa das igrejas vai ser montada uma sala com várias computadores para os alunos.

A comunidade está sempre aberta para encontrar mais espaços que possam ser aproveitados.

Os meninos e as meninas já passaram pela padaria, fizeram pesquisa sobre o pão, quando foi inventado, carne e feito. O mesmo processo foi feito na Sorveteria. Tudo foi pesquisado nos trabalhos dos alunos no computador.

Todos estão satisfeitos com a extensão e as aprendizagens dos alunos nos espaços que são usados.

O bairro é pequeno e não existem muitos espaços, mas a comunidade está sempre viva e sempre vai encontrar um espaço novo.

Teve um dia que os alunos foram ao salão para ver como funcionava, se cortar cabelo era fácil. Todos ficaram entusiasmados porque ganharam corte de cabelo de graça que quiseram cortar.

Outra atividade que acontece semanalmente é o bate papo entre pais, professores e alunos, porque a gente percebe que não estava tendo um bom diálogo. As vezes acontece alguma coisa séria e um bom papo vai para o outro.

Se os alunos do matutino tiverem essas oportunidades que a comunidade está oferecendo para os meninos e meninas durante o dia (de que o horário é muito próprio, mas se eles combinarem de marcar ao menos umas duas horas por dia) eu tenho certeza que ia ser bom.

Tem gente que nem conhece um salão de beleza. Acho que não tem que ser só pelo bairro. Poderia levar um cinema, biblioteca, museu. Existe muita gente que não conhece nem o Parque Municipal.



Eu conheço pessoas que nem o Bairro conhecem. Eu fico muito comovida com essas coisas. Muitas vizinhas, por exemplo, todos os dias que eu saio para a escola, fico no portão para me ver sair. Eu sempre fujindo para ela ir para a escola e ela só me dizia que tinha vizinha porque estava velha.

Um dia eu chamei ela para visitar a escola do bairro. Ela arriou e foi comigo. Ficou deslumbrada de conhecer a escola, isso foi em 2005.

Quando fui com Geórgia ela já foi falar comigo que ia estudar. Agora ela já sabe escrever o nome dela, sabe olhar a hora, formar palavras, contar dinheiro, passou até a vender produtos.

Por este exemplo eu penso que existem mais pessoas que não têm estudo nenhum, como ela não tinha, e por isso é muito importante as pessoas fazerem parte de sua comunidade: conhecer pessoas e lugares, conversar e aprender a ter mais liberdade na sua vida.

Maria das Oros Alves Pinharis, mãe



Os espaços da
comunidade
e sua relação com a
aprendizagem

Espaços da Comunidade e suas exploração para aprendizagem.

Alô escolas de todo o Brasil e famílias maravilhosas!

Às vezes me lembro com certa saudade do tempo que frequentava a escola. Tínhamos pouco espaço ou quase nada, parecíamos marionetes: de casa para a escola e vice-versa, com rigorosas normas, sem muito direito.

Crescemos assim. Com o decorrer dos tempos, foram havendo mudanças, às vezes boas às vezes ruins, mas sempre tínhamos que seguir normas.

Agora é tudo bem melhor: aqui em Belo Horizonte temos grandes escolas municipais e estaduais e toda e qualquer criança não pode ficar fora delas. Vejo que sempre somos surpreendidos por ótimas oportunidades e chances que são oferecidas aos nossos filhos.



- A criança fica mais animada para ir à escola, frequenta mais assiduamente e, no caso do meu filho adolescente, observo que está mais calmo, mais fácil de manejar.

Apesar de já haver grandes espaços na comunidade que podemos explorar para que nossos filhos tenham mais aprendizagem, sofremos ainda com a pouca segurança.

Meu bairro é meio violento. Os filhos da gente vão, por exemplo, para o parque e daí eu fico com medo do que eles vão ver - adolescentes namorando ou mesmo praticando sexo publicamente, outros fazendo uso de drogas.

Além de eu ter medo do que possam presenciar, me preocupa a forma como os professores contornarão tal situação. É aí que entra o perigo: se o professor recua com as crianças e adolescentes impossibilita os mesmos de crescer.



Também existe pouco esclarecimento e cooperação por parte da comunidade para usarmos adequadamente todos os espaços que temos em nosso bairro.

Parques ecológicos que podem ser usados como lazer e ao mesmo tempo contato com a natureza e estudo do meio ambiente, por exemplo.

Também temos na cidade várias bibliotecas públicas que poderiam mostrar, para os pais e alunos, como é fácil e divertido ter um bom livro e fazer boas leituras.

Teatro e museu também nos são oferecidos com boas condições e às vezes até gratuitamente.

Mesmo assim conheço pessoas na minha comunidade que dizem "nunca entrei em um cinema não sei como é"

Os pais nesta condição ficam desinformados, não acompanham o desenvolvimento dos filhos, não têm diálogo.

Se na sua cidade ainda não tem Escola Aberta e Integrada, acredito que juntando escola e Comunidade vocês possam lutar e conseguir.

Boa sorte! Sandra Lara Martins Pereira (mãe)



Tecendo relações entre a família e a Escola:

as ações da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

Diz um ditado africano que “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, ditado esse que pode ser traduzido de várias formas. Duas possíveis e complementares: primeiro, a idéia de aldeia como espaço urbano, ou seja, a cidade como responsável pelo cuidado e pela educação de suas crianças, adolescentes e jovens e, segundo, a aldeia entendida como “nós”, famílias e educadores que compartilham o mesmo objetivo de educação e desenvolvimento integral de estudantes.

A partir dessas compreensões é que tecemos nossas vidas dentro da cidade, atuando na melhoria da relação família e escola no sentido de promover a cidade como um espaço educador e fortalecer parcerias para o alcance de um objetivo compartilhado: a educação de boa qualidade, inclusiva e para todos.

Sabemos que, historicamente, a parceria entre família e escola apresenta desafios e desperta esperanças, não sendo raras as demandas de um lado e de outro por um diálogo que, infelizmente, nem sempre se efetiva pelas dificuldades tanto das famílias quanto das escolas de elaborarem estratégias para a colaboração mútua. No entanto, acreditamos que uma educação de qualidade não pode prescindir dessa parceria. Para contribuir com essa aproximação e com o estabelecimento de diálogo contínuo é que a Secretaria Municipal de Educação iniciou, em 2005, um trabalho mais efetivo de relacionamento com as famílias dos estudantes da rede municipal. Desde o princípio, esse trabalho considerou as inúmeras iniciativas de diálogo já realizadas pelo conjunto das escolas que compõem a rede municipal.

A seguir duas questões são aprofundadas: a história recente do Programa Família-Escola e as perspectivas de trabalho que vêm sendo desenhadas pela Secretaria Municipal de Educação na busca de potencializar o trabalho que já vinha sendo realizado.

As várias pontas dos nós: o registro de uma história que ainda não terminou

O trabalho com as famílias, realizado pela SMED, teve seu início no Programa Bolsa Escola Municipal, um programa de transferência de renda financiado e gerido pela secretaria. Além da preocupação com a transferência de renda, foi desenvolvido ao longo de uma década um sólido acompanhamento da frequência escolar dos estudantes de 11.514 famílias beneficiárias e, sobretudo, das mães bolsistas numa perspectiva de empoderá-las no âmbito pessoal e coletivo. Empoderamento entendido como fundamental para a construção de uma nova relação consigo mesmas, com seus filhos e com a escola no que tange ao acompanhamento da vida escolar e ao investimento na própria escolarização.

Embora este trabalho com as famílias tenha representado um marco na história da educação de Belo Horizonte, cabe dizer que o fato de se direcionar apenas às famílias inscritas no Programa Bolsa Escola Municipal desafiou-nos a construir estratégias de relacionamento com o grande número de famílias não bolsistas.

Assim, o ano de 2005 foi fecundo na proposição de atividades e projetos. Foram lançados: o Programa Família Escola; a central de ouvidoria Alô Educação – um canal direto de comunicação com as famílias e a cidade; a Agendinha de Bolso com telefones úteis e dicas de acompanhamento da vida escolar dos estudantes; a Agenda Escolar – distribuída a todos os estudantes como parte do kit escolar; o Jornal Família Escola, edição trimestral distribuída a 148 mil núcleos familiares; a constituição da Frente de Mobilização Social na Gerência de Coordenação da Política Pedagógica e de Formação (GCPF) com a missão de atender às demandas de trabalho com as famílias nas várias escolas da rede e atuar na formação permanente dos Colegiados Escolares no curso “Diálogos Sobre Educação”; e, finalmente, a instituição do Fórum Família Escola.

Destaca-se que o Fórum Família Escola, que acontece desde junho de 2005, tem a característica de ter sido demandado pelos familiares participantes da penúltima Conferência Municipal de Educação, ocorrida no mesmo ano. Um grupo de aproximadamente dezoito familiares reivindicou para a então secretária municipal de educação, Maria do Pilar Lacerda, um encontro no qual se pudesse conversar sobre a política educacional do município. Desde então esta atividade vem crescendo em importância e número de participantes e é um local de diálogo, formação e interação entre as famílias da cidade e a secretaria municipal de educação.

Perspectivas e esperanças

Fortalecimentos e crescimentos... Chegamos a 2008 ainda desafiados a:

- envolver um maior número de familiares de todos os ciclos;
- construir novas estratégias de comunicação e colaboração entre família e escola;
- articular as várias instâncias internas para a gestão do Programa Família Escola

Iniciamos um esforço de articulação de todas as ações e instrumentos voltados para o trabalho com as Famílias. Assim, o Programa Família Escola passou a ser uma espécie de grande “guarda-chuva” debaixo do qual todas as ações realizadas em prol do contato e fortalecimento da relação com as famílias se articulam.

Atualmente o Programa Família Escola tem como principal objetivo contribuir para a criação de uma rede permanente de colaboração, diálogo e parceria entre a família, a escola e a comunidade com vistas a garantir a presença escolar, o aprendizado e o desenvolvimento integral dos estudantes da Rede Municipal de Belo Horizonte.

A coordenação das ações é feita de maneira colegiada, composta pelo Gabinete da SMED/Coordenação de projetos especiais Programa Família Escola, pelas gerências regionais do Programa Bolsa Escola Municipal e pela equipe da Frente de Mobilização Social. Juntas articulam as ações do Programa que se divide em dois eixos básicos:

- **Mobilização/Participação** – que visa à ampliação da participação das famílias em todas as instâncias educacionais, entendendo essa participação como direito da família, da criança e como fundamental para o processo de ensino-aprendizagem e gestão democrática.
- **Acompanhamento socioeducacional** – que visa, a partir da realização de um diagnóstico nas escolas, garantir a participação de famílias e a frequência escolar dos estudantes, bem como a sua presença no ambiente escolar, entendendo que temos o desafio de garantir que o estudante não apenas esteja dentro da escola, mas que nela aprenda e se desenvolva.

Nesta nova fase do Programa Família Escola, as ações previstas e já em andamento são:

- Ampliação da participação no Fórum Família Escola - antes os Fóruns eram realizados apenas de maneira centralizada, atualmente temos a sua versão regionalizada que já contou com a participação de 870 pessoas em nove encontros regionais⁹. Foi apresentado para as famílias um resumo das Proposições Curriculares da rede municipal de educação e também foram realizadas enquetes sobre a participação das famílias na vida escolar dos filhos.
- Continuação do processo permanente de formação dos colegiados escolares – nesta nova fase será centralizado com representantes de todas as escolas da rede municipal;
- Ampliação do acompanhamento socioeducativo – iniciado em algumas escolas da rede municipal, visa à ampliação gradativa para todas as escolas e consiste no levantamento de demandas de acompanhamento familiar de maneira mais sistemática, criando fluxos que envolvem outros órgãos da gestão pública como saúde, assistência social...
- Realização de intervenções culturais na cidade (esquetes com artistas) cujo tema é a importância da participação da família na vida escolar dos filhos. Serão realizadas em vários pontos da cidade de preferência os com maior trânsito de pessoas.
- Constituição de grupos – Famílias Contadoras de História – curso de contação de histórias para incentivar o hábito de leitura e escrita e reviver a prática da narrativa oral no seio familiar.
- Continuidade da elaboração e distribuição do Jornal Família Escola, com conteúdo informativo e formativo, mantendo-se como um instrumento de relacionamento da SMED com as famílias.

9. A administração municipal de Belo Horizonte é organizada em nove Gerências de Administração Regional que, distribuídas por toda a cidade, possuem unidades administrativas de todos os serviços ofertados pela Prefeitura, dentro os quais encontram-se as Gerências Regionais de Educação. Nessa nova versão os Fóruns Regionalizados aconteceram nas nove regionais como estratégia para aglutinar um maior número de participantes.

- Elaboração e distribuição para as famílias de uma Revista com as proposições curriculares da rede municipal para que possam acompanhar o conteúdo desenvolvido nas escolas de seus filhos e filhas.
- Inserção da temática em outros veículos de comunicação como, por exemplo, rádios comunitárias. Observe-se que no mês de abril fizemos duas inserções na Rádio Favela: uma para falar do programa família escola e outra para conversar sobre dicas de participação das famílias na vida escolar de seus filhos.
- Inserção da temática Família Escola no Prêmio Paulo Freire, uma premiação anual de melhores práticas da rede municipal de BH.
- Realização da Mostra Plural de educação (a ser realizada em setembro), tendo como eixo de trabalho a relação família e escola, o que impulsiona nas escolas o desenvolvimento de projetos e ações voltados a esse fim.

Além de todos esses “nós”, é importante o destaque de que há um esforço de mobilização das famílias em prol de aspectos importantes para o fortalecimento do diálogo como, por exemplo, o monitoramento da frequência escolar e importância de atualização constante de dados cadastrais dos estudantes.

Ao descrevermos nossos esforços de tecer as relações entre família e escola, cumpre-nos afirmar o que nos impulsiona: a crença de que a participação da família na vida escolar de seus filhos e filhas é um direito; a certeza de que o diálogo permanente entre a família e a escola são de fundamental importância para a educação de qualidade; a esperança do fortalecimento contínuo da gestão democrática nas escolas como imprescindível para a construção de novos projetos de educação e de sociedade e, por fim, a concordância de que é preciso, de fato, toda uma cidade/aldeia para educar crianças, adolescentes e jovens.

Rosa Vani Pereira

Coordenação de Projetos Especiais Programa Família Escola



Por que nos reunimos neste trabalho com as famílias?

A voz das famílias nas escolas é um desafio dos mais importantes. De fato, na medida em que ocorreu a quase universalização do ensino fundamental, a massificação deste nível de ensino também se fez sentir, produzindo uma quase ausência da voz popular nas decisões da escola.

As famílias das classes populares estão felizes pela possibilidade dos filhos terem o direito de estudar e, por isso mesmo, muitas vezes, submetem-se às regras da escola, sem participação ou engajamento no cotidiano escolar dos seus filhos. Para as famílias pouco letradas, a escola pública é um mundo de inclusão (e não um caminho para inclusão). Está aí uma das explicações para seu silêncio ou pouca voz.

Ao mesmo tempo estudos e pesquisas vêm demonstrando que os resultados escolares – a maior ou menor aprendizagem – dependem da escola, mas também do repertório cultural das famílias e comunidades.

Assim é que o aumento do repertório cultural, mas sobretudo a participação das famílias são condições fundamentais na melhoria da qualidade da educação.

Apostamos que a participação ativa e substantiva das famílias depende de um processo de animação e empoderamento delas próprias e, igualmente, de uma vontade política das escolas.

Esta aposta impulsionou a reunião destas três instituições – uma secretaria de educação, uma fundação empresarial e uma ong – em torno do trabalho que ora apresentamos.

Fruto de encontros e experiências vividos, a voz das famílias nos traz reflexões e nos instiga a uma ação mais estruturada para sua participação na vida educacional das crianças e adolescentes.

Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte,
Fundação Itaú Social e Cenpec



PREFEITURA BH
A PREFEITURA FAZ. BH ACONTECE.



Fundação Itaú
Social

